

(GTX - VIDA)

Reflorestamentos dissidentes: a vida enquanto transmutação

Mestrade Wij Seemann (UFRGS)

Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, que se intitula “Reflorestamentos dissidentes: semeando caminhos para uma ecologia decolonial”, dentro da linha de Poéticas de Processos Híbridos. Esse trabalho investiga possíveis (trans)mutações de corpos e espaço – assim como suas relações –, a partir de perspectivas críticas voltadas para a ecologia, decolonialidade e interseccionalidade. Em diálogo com a produção teórica de Greta Gaard, Geni Nuñez, Malcom Ferdinand e Castiel Vitorino Brasileiro, a produção artística deste age como um “reflorestamento do imaginário”, buscando representar a Vida para além da vida humana. A construção desse imaginário traz resultados com tecnologias digitais, a fim de levantar questões que se somam às resistências artísticas e ativismos, colaborando para a formulação de futuros outros que expandam o reconhecimento da Vida.

Palavras-chave: Ecologia; Transmutação; Artificial.

Abstract

This article is an excerpt from the master's research in progress, which is entitled “Dissident Reforestations: sowing paths for a decolonial ecology”, within the line of Poetics of Hybrid Processes. This work investigates possible (trans)mutations of bodies and space – as well as their relationships –, from critical perspectives geared towards ecology, decoloniality and intersectionality. In dialogue with the theoretical production of Greta Gaard, Geni Nuñez, Malcom Ferdinand and Castiel Vitorino Brasileiro, this artistic production acts as a “reforestation of the imaginary”, seeking to represent Life beyond the human life. The construction of this imaginary brings results with digital technologies, in order to raise questions that add to artistic resistances and activism, collaborating to the formulation of other futures that expand the acknowledgment of Life.

Keywords: Ecology; Transmutation; Artificial.

INTRODUÇÃO

A pesquisa se inicia com um motivador teórico, que é a conceituação do termo **ecologia decolonial**, pelo engenheiro ambiental, cientista e filósofo social martinicano Malcom Ferdinand (2022). Compreender os desdobramentos das práticas de uma ecologia decolonial requer, simultaneamente, a construção de um imaginário contracolonial¹ e a reintegração do ser com a

¹ Conceito de autoria do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023).

natureza. A partir dessa noção, iniciei práticas e experimentações com base no vegetal, a fim de conhecer e me relacionar mais profundamente com as plantas próximas a mim. Nesse processo, foram percebidas iniciativas e transformações no espaço da cidade, que identifico como reflexo da condição colonial das estruturas de poder que a organizam, legislam e governam. Assim, o presente artigo circunscreve as experiências tidas até então dentro do processo de pesquisa, elucidando brevemente algumas reflexões feitas e de que maneira se estabelecem relações entre elas e as práticas artísticas.

A contribuição teórica das reflexões parte do questionamento das estruturas de poder hegemônicas, mobilizando pesquisas de diferentes localidades como forma de expandir a compreensão das operações da colonialidade. Assim, apresento alguns conceitos de Ferdinand para depois trazer uma conexão entre um trabalho da psicóloga indígena guarani Geni Nuñez – que tece uma crítica à monocultura do pensamento – e o de Greta Gaard, ativista ecofeminista *queer* estadunidense, pelo modo como abordam a influência do cristianismo para a construção de uma ideologia colonialista, que autoriza a dominação e exploração de diferentes seres. A produção artística aqui apresentada é fruto dos experimentos práticos com plantas que, transposto a outra dimensão – nesse caso, o virtual –, possibilita novos questionamentos acerca da Vida e suas possibilidades de existência.

CAMINHAR PARA (RE)CONHECER

Acredito ser relevante comentar que uma parte importante da minha vivência é o caminhar. Já morei em diversos lugares e isso intensificou minha relação com o caminhar como uma forma de explorar a cidade ou os novos espaços nos quais me insiro. A pesquisa de mestrado coincide com minha mudança para a cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, onde iniciei as caminhadas sob uma nova ótica: não mais o olhar para a história humana da cidade, suas construções, relações sociais e formas de convívio; mas agora um olhar para a história do vegetal, suas resistências, relações sociais e deslocamentos. Essa nova perspectiva foi se desdobrando ao longo da leitura do livro de Malcom Ferdinand (2022) que, coincidentemente,

CIACT/SAD 09

fiz durante algumas idas a praças e parques, de forma que a leitura próxima às plantas me instigou a conhecer suas características e histórias.

Assim, iniciei a coleta de folhas das mais variadas espécies e a captura de fotografias das árvores, arbustos, flores e gramíneas que me despertavam curiosidade. Com as folhas, fiz experimentos diversos aos quais me dedico até o momento atual: compreendi o processo de prensagem e sua importância para algumas técnicas; sigo aprendendo sobre o processo de secagem das folhas coletadas e suas respectivas plasticidades; pinteí folhas para fazer decalques; bordei imagens, estruturas e palavras em folhas; recortei, coleí e costurei folhas; experimentei com impressões de imagens diretamente nas folhas pela técnica da fitotipia, entre outros. Já com as fotografias, pesquisei, classifiquei e cataloguei informalmente em um acervo pessoal as espécies que cruzei, com o intuito de conhecer mais as plantas que estão próximas a mim. Esse foi o método prático-teórico que encontrei para guiar o processo de pesquisa.

Durante a construção teórica – leia-se, o processo de reconhecer as espécies de vegetais que fotografei – encontrei uma iniciativa realizada pela Prefeitura de Caxias do Sul, através da Secretaria do Meio Ambiente, cunhada como “Programa Inventário Municipal de Arborização Urbana” (Caxias do Sul, 2016), que integra o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica. Tal iniciativa teve como um resultado final o inventariamento de indivíduos vegetais – sejam eles arbóreos, arbustivos, ervas, trepadeiras, epífitas, hemiparasitas ou rupícolas –, disponível inclusive em uma plataforma cartográfica digital, o GeoCaxias². Com esse aporte técnico-científico pude confirmar uma hipótese que construí ao longo da pesquisa: existem mais plantas exóticas do que nativas próximas a mim. Segundo os resultados do inventário, mais de 51% da cobertura de áreas verdes da cidade é de espécies exóticas. As espécies que fotografei são, em sua maioria, também exóticas.

OBSERVAR PARA COMPREENDER

² Acessível através do link <https://gis.caxias.rs.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=136b9a0f5541425b91c6c9b4562be410>

CIACT/SAD 09

As escolhas institucionais, governamentais e até pessoais são visivelmente influenciadas pelo que Ferdinand conceitua como o **habitar colonial**, que é forjado pela negação à alteridade promovida pela colonização, constituindo uma ação de “mesmificação, de redução ao Mesmo” (Ferdinand, 2022, p. 51), da qual “resulta uma estética da repetição, uma uniformização das plantas, das maneiras de consumir, de se vestir e de pensar o mundo” (Ferdinand, 2022, p. 67). Geni Nuñez articula a compreensão de tal ideologia colonialista através do sistema de monoculturas, que se distribui em eixos como o da fé, da sexualidade, dos afetos, do pensamento, entre outros. Para Nuñez,

[...] nessas monoculturas um dos eixos centrais é o pressuposto da não concomitância: só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres, operando através de uma lógica parasitária. Nela, humano seria a negação do animal, civilizado seria a negação do selvagem, além de não haver concomitâncias: nunca azul e rosa, masculino e feminino, humano e animal ao mesmo tempo (Nuñez, 2021, p. 2).

A configuração do eixo da fé, que mobiliza certos costumes e comportamentos dentro de um grupo, é relevante para considerar como se operam as violências através do processo histórico da colonização, que forja a estrutura da sociedade atual. Greta Gaard, por sua vez, argumenta que o cristianismo foi relevante para a dominação da natureza, dos corpos e das sexualidades, tanto quanto foi influente para a fundação dos Estados-Nação modernos. Segundo ela,

[...] a retórica e a instituição do cristianismo, juntamente com os impulsos imperialistas de Estados-Nação militarizados, têm sido usadas por quase dois mil anos para retratar a heterossexualidade, o sexismo, o racismo, o classismo e a opressão do mundo natural como divinamente ordenado (Gaard, 2011, p. 207).

Caxias do Sul é uma cidade majoritariamente cristã e que exalta a colonização italiana e sua cultura, relegando os povos indígenas e outros imigrantes racializados como parte constituinte da cultura hegemônica. Logo, não me surpreendi quando li as palavras exclamadas

CIACT/SAD 09

pelo então vice-prefeito Antonio Feldmann³ na apresentação do inventário: “A gente sempre diz que Caxias se caracteriza pela sua identidade étnica e cultural e agora também ambiental. O Inventário nos orgulha e certamente deverá estar em todas as nossas apresentações como uma grande obra do nosso governo” (Caxias do Sul, 2016). Se a iniciativa faz parte do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica – instaurado em 2012 visando conservar e recuperar o bioma nativo –, soa contraditório orgulhar-se dessa identidade ambiental que evidencia uma população exótica maior do que a nativa. Especialmente se as decisões de plantio e cuidado das espécies nas áreas verdes são tomadas pelo governo municipal ou estadual.

VISIBILIZAR PARA RELACIONAR

Ao reconhecer certas espécies de plantas pelas vias, é possível acompanhar suas histórias e relações com os animais e construções da região. Uma comunidade interespecie é formada e estabelece seus vínculos, possibilitando análises para aqueles que se interessam em capturar essas conexões invisíveis. Observo as podas que são realizadas dentro de terrenos residenciais e que são descartadas em terrenos baldios ou espaços verdes. Esse descarte permite que tais espécies se reproduzam em outros solos; logo, ao reconhecer as espécies de plantas desses espaços, se apreende também as preferências e as aversões às plantas que os seres humanos próximos a esses espaços possuem. Coletar as folhas desses locais demarca uma dimensão analítica da pesquisa.

Com os experimentos vêm o aprendizado, os resultados inesperados, novas afluências de ideias e a construção de uma perspectiva antiespecista. Esta última está arraigada na prática de uma ecologia decolonial, visibilizando as múltiplas espécies de vegetais e suas relações com múltiplas espécies de animais, inclusive os seres humanos. A espécie exótica mais encontrada na cidade é o ligustro (*Ligustrum lucidum*) (Caxias do Sul, 2016), que fornece alimento, moradia e proteção para incontáveis animais. Essa espécie é nativa da China e foi popularizada por iniciativas de arborização urbana. As folhas de ligustro que coletei serviram como experimentos

³ Vice-prefeito durante o mandato de Alceu Barbosa Velho (PDT), entre Janeiro de 2013 e Dezembro de 2016.

CIACT/SAD 09

dos mais variados, devido à integridade e força que elas possuem. Diversos bordados, costuras e pinturas foram feitos em folhas de ligustro e, particularmente numa coleta realizada após um período chuvoso, obtive uma sequência de folhas que me lembrou outro vetor para abranger essa perspectiva antiespecista: os fungos. As folhas haviam sido alteradas completamente pela presença de fungos variados, que me mostraram a beleza da decomposição. Algumas delas me lembraram constelações e galáxias, com suas cores e formatos, encarnando as palavras de Castiel Vitorino Brasileiro: “a natureza tornou-se um problema na colonialidade porque a colonialidade é o problema do *universo*” (Brasileiro, 2022, p. 71, grifo meu).

Documentei essas através de fotografias, que depois selecionei para servirem como entrada de um algoritmo que desenvolvi. O resultado deste é a criação de múltiplas imagens que, exibidas em sequência, codificam uma dança na superfície da folha: em constante transformação no seu interior, a presença dos fungos é visualizada através das possibilidades de existência que condensam um movimento. Dessa maneira, tento simular a Vida em um fragmento virtual por operações de deslocamento, pois reconheço que “a natureza não é um ser a priori, ela é, sim, tudo o que há, inclusive o plástico e a internet/virtualidade” (Brasileiro, 2022, p. 71). A obra é um convite para reflexão, pois não se evidencia qual foi a fotografia original – aquela que deu o impulso para a criação das outras imagens –, mas sim, o fluxo de possibilidades de existência. Ou ainda, como nova corporeidade para as palavras de Brasileiro: “Apresento a vida como uma jornada marcada pela *Efemeridade da Forma*, a vida/natureza como metamorfoses cotidianas” (Brasileiro, 2022, p. 76, grifo original).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me deslocar pela cidade a partir de uma perspectiva antiespecista – que se constitui como uma ferramenta analítica e crítica de uma ecologia decolonial – permitiu que uma multiplicidade de histórias habitasse meu imaginário. Histórias de viagens, de saúde, de poder ou de afeto... histórias que envolvem seres diversos, sejam eles animais ou vegetais. A partir delas, foi possível estabelecer algumas relações interespecies e perceber alguns reflexos da colonialidade na

CIACT/SAD 09

construção do tecido urbano. Quando conheci o “Programa Inventário Municipal de Arborização Urbana” feito pela prefeitura de Caxias do Sul, que conta com uma plataforma cartográfica digital, algumas dessas relações foram confirmadas pelo levantamento técnico-científico do inventário. Outras relações foram percebidas no diálogo com o aparato teórico construído por pesquisadores de diferentes áreas.

A decisão de usar o vegetal como elemento principal da poética reflete uma forma de visibilizar os processos históricos decorrentes da colonialidade, a Vida em suas possíveis formas e, também, o potencial de construção de novos futuros. Inclusive, foi através das experimentações com folhas que pude refletir sobre a Vida em suas múltiplas formas e relações, pois em um experimento a presença de fungos resultou em desdobramentos teóricos e práticos inesperados. Ao extrapolar a vida do real para o virtual – tanto pela fotografia como pelo uso de um algoritmo gerador de imagens desenvolvido especificamente para esse experimento – foi possível transmutar do ordinário para o sensível: a visualização através de operações de deslocamento nos instaura questionamentos sobre o que é possível, sobre as relações que podem ser construídas e, enfim, sobre o que é Vida.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, Piseagrama, 2023.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. São Paulo: n-1 edições, Editora Hedra, 2022.

CAXIAS DO SUL. *Inventário de Arborização Urbana identifica mais de 460 mil indivíduos arbóreos em áreas verdes da cidade*. Assessoria de Imprensa. 22 de novembro de 2016. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2016/11/inventario-de-arborizacao-urbana-identifica-mais-de-460-mil-individuos-arbores-em-areas-verdes-da-cidade>. Acesso em: 6 de janeiro de 2024.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CIACT/SAD 09

GAARD, Greta. Rumo ao ecofeminismo queer. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 19, v. 1, 2011. p. 197-223. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015/18404>>. Acesso em: 19 de março de 2024.

NUÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. *Revista ClimaCom*, Diante dos Negacionismos [online]. Campinas, ano 8, n. 21, novembro de 2021. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>>. Acesso em: 19 de março de 2024.

Como citar este texto:

SEEMANN, Wij. Reflorestamentos dissidentes: a vida enquanto transmutação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 9, 2024, Belo Horizonte. *Anais do 9º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2024*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2024. ISSN: 2674-7847. p.1-8.